

“Adeus, Valentina!” – da construção de contextos para a construção da referenciação

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes*

Resumo

Neste artigo, proponho uma análise dos processos de referenciação do gênero crônica, a partir do exame dos processos de construção de contextos. Trata-se de um recorte de uma pesquisa mais abrangente sobre a constituição da referenciação, considerada como um conjunto de ações cognitivas e discursivas determinadas pelas situações históricas e sociais. Uma experiência de leitura com leitores-universitários, a partir de discussões coletivas e partilhadas, evidenciou que a referenciação é uma atividade construída interativamente pela ativação de estratégias ligadas à construção de contextos, às previsões acerca da situação discursiva, dos enunciadores e, particularmente, do gênero textual e das ações lingüísticas exigidas pela interação.

Palavras-chave: Interacionismo sócio-discursivo; Referenciação; Contextualização; Gênero textual.

A análise aqui apresentada constitui parte de um estudo mais amplo em que procurei verificar processos de constituição da referenciação em práticas de linguagem socialmente situadas: os gêneros textuais.¹ Apoiando-me particularmente nas reflexões dos trabalhos na linha do interacionismo sócio-discursivo, para os quais a dimensão primeira da textualidade é sócio-histórica, dirigi o foco de minhas investigações para a compreensão global das “ações de linguagem” e dos gêneros que as materializam, conjugando uma análise externa dos textos – suas relações de interdependência com o mundo social e a intertextualidade – e uma análise interna da arquitetura textual (BRONCKART, 1999).

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Este estudo integra a pesquisa desenvolvida em minha tese de Doutorado “Processos inferenciais de referenciação na perspectiva sócio-discursiva”, defendida em abril de 2004, na FALE/UFMG, sob a orientação do professor Dr. Hugo Mari.

Inicialmente, vale destacar que parto do princípio de que o processo de referenciação se desenvolve de forma dinâmica, na interação, segundo contextos diferenciados, e que as atividades de constituição de sentidos, em lugar de representar objetos do mundo ‘real’, ‘objetivo’, atuam sobre “objetos de discurso”.² O meu objetivo é investigar não somente as abordagens pertinentes ao exame do papel assumido pelo contexto nas atividades de referenciação, como também averiguar as ações do sujeito, a fim de estabelecer relações entre essas análises e os estudos de perspectiva cognitivista e sócio-discursiva a respeito da produção de sentidos.

Nessa visão, a participação do sujeito, antes desconsiderada no exame dos processos da atividade referencial, passa a ocupar um espaço privilegiado de agente, capaz não somente de “apropriar-se da língua” para agir por meio dela (BENVENISTE, 1989), mas de constituir-se como sujeito pela linguagem (FRANCHI, 1992; POSSENTI, 1993; BRONCKART, 1999).

Tendo em vista o caráter processual do objeto de estudo, optei pelo seguinte procedimento metodológico: três textos jornalísticos [um ensaio (T2) e duas crônicas (T1 e T3)] foram submetidos à leitura de 21 informantes, estudantes universitários. A cada sessão de leitura, realizada com grupos de sete alunos (G1, G2, G3), seguia-se o preenchimento de um questionário sobre o texto lido.³ Respondidas as questões, efetuava-se a leitura oral das mesmas, de modo a socializar, para o grupo, as informações pretendidas naquele momento. Imediatamente, tinha início o ‘protocolo verbal’, técnica investigativa que consiste na verbalização partilhada, coletivamente, dos processos experimentados pelos sujeitos no momento da leitura. Essas trocas, registradas em áudio, eram transcritas para integrarem o *corpus*.⁴

Neste artigo, apresento somente as reflexões decorrentes do exame das operações de investimento de sentidos dos sujeitos-leitores para construir a referenciação da crônica “Adeus, Valentina!”, de Antonio Barreto, publicada no jornal *Estado de Minas*, em 30 de abril de 1997, no Caderno ‘Gerais’ (cf. anexo I). Diante dos limites impostos pelas condições materiais do texto aqui apresentado, procederei a uma análise sucinta das operações mais significativas, explicitadas pelo experimento, privilegiando a dimensão enunciativa, em que o conhecimento sobre o contexto situacional assume um papel relevante, bem como as

² Para Mondada e Dubois (1995), as categorias e objetos de discurso são elaborados no curso das atividades dos sujeitos, transformando-se segundo contextos.

³ No caso da crônica em estudo, as questões foram: 1) Quem é *Valentina*?; 2) Em que pistas do texto você se baseou para responder a questão 1?; 3) Que objetivos levaram o autor a redigir o texto?

⁴ Os exemplos, em molduras, foram transcritos das sessões de discussão. O uso do negrito visa destacar elementos e seqüências de modo a facilitar a demonstração do aspecto em exame. As iniciais, em lugar dos nomes, foram usadas para preservar a identidade dos informantes.

representações sobre os sujeitos, os papéis que ocupam na interação social e as normas sociais que regem o ato de linguagem.

A abordagem das operações será feita nos dois níveis – da produção e da recepção –, considerando-se a mobilização dos sujeitos (locutor e alocutário) como uma série de atividades cognitivo-discursivas cujos elementos em inter-relação serão responsáveis pela produção de sentidos (KOCH, 1997, p. 7).

Antes de prosseguir com o exame proposto, apresentarei algumas considerações sobre o gênero crônica, o espaço que ocupa na mídia impressa brasileira e as relações determinadas pelo contexto de produção e pelo conteúdo temático.

SOBRE O GÊNERO CRÔNICA

A crônica jornalística tem superado os limites do factual para atingir um patamar propício a “reflexões de caráter universal”.⁵ Segundo Arrigucci (1987), sob a aparente simplicidade de um narrador que se ocupa com fatos corriqueiros do dia-a-dia, o cronista tece seu texto quase sempre optando por uma linguagem trivial, uma sintaxe “leve e flexível” que toma “liberdades e cadências da língua coloquial” (p. 30-31). Por apresentar uma mescla de constituintes pertencentes a gêneros diversos, a crônica, muitas vezes, oferece dificuldades de categorização, o que se torna um problema para a crítica. A esse respeito, Arrigucci (1987) observa: “(...) pelo seu modo de ser *sui generis* elas [as crônicas] tornam ostensiva a questão das relações entre a forma mesclada que apresentam, a matéria tratada e o processo histórico-social a que, até certo ponto, parecem corresponder” (p. 31).

Em “Adeus, Valentina!”, Antonio Barreto apresenta uma preocupação ética, saborosamente condimentada nas metáforas que descrevem e relatam a experiência com a velha *Valentina*. Apegado à tradição rural da vida interiorana, o cronista, em plena era tecnológica, busca na memória a nostalgia de um tempo feliz, em contraste com os apelos da vida moderna. É o passado que também “faz parte da essência de um ‘sonho de simplicidade’ que ocorre ao cronista no meio da desarrumação feroz da vida urbana” (ARRIGUCCI, 1987, p. 46). O abandono de *Valentina* por outra mais ‘moderna’ significa, talvez, a perda de um passado, de uma juventude ou, até, de uma visão de mundo em mutação. A crônica aparece, desse modo, como um gênero por excelência para a fusão entre o real e o simbólico; o passado e o presente; o possível e o impossível; o imanente e o transcendente.

⁵ De acordo com Paulino, Graça *et al.* (2001), Machado de Assis foi um dos responsáveis por essa travessia da exploração do meramente cotidiano para o papel de reflexão e de denúncia praticado pelos cronistas, a partir do final do século 19.

É possível que, em virtude desses aspectos, esse gênero figure entre os mais populares e lidos no País. No meu entender, acredito mesmo que o espaço para a crônica na mídia escrita, tanto em revistas semanais como em jornais diários, tenha possibilitado esse trânsito mais efetivo entre os leitores. Para Arrigucci (1987), a persistência do gênero deve-se, provavelmente, à “capacidade de se tornar inteligível de imediato e, com seu valor dependente da novidade, de se mostrar correlata ao mundo em constante mudança” (p. 48-49). Herdeira das formas narrativas orais tradicionais, embora um “gênero por excelência caduco” (como considerava BANDEIRA *apud* ARRIGUCCI, 1987, p. 49), a crônica consegue transcender o estágio de transitoriedade, em que se confunde com as matérias impressas, “descartáveis como as folhas de jornal”.⁶

As reflexões de Arrigucci ilustram com propriedade alguns aspectos do gênero escolhido para o experimento e podem contribuir para explicar algumas investidas de construção de sentido por parte dos informantes. T, um dos leitores do grupo 1 (G1), parece captar o grau de envolvimento do cronista com seu objeto de trabalho. Reagindo contra a afirmação de uma companheira de grupo de que o cronista seria materialista, T assim explica:

Exemplo 1

176. T – porque se você fazer uma coisa e não tiver uma mesa... um escritor assim se ele não amar escrever... então ele tem que dar asas pra esse sentimento... criar esse vínculo... chegar a esse ponto...

A crônica é, assim, o espaço do desabafo, da partilha dos sentimentos do narrador com o seu leitor. Observe-se que os informantes conhecem o funcionamento da crônica e os objetos de discurso que ali podem estar representados. O sentido construído para *Valentina*, por exemplo, corresponde à representação que os leitores têm de algo que é caro ao locutor. Essa representação, de ordem cognitiva, é possibilitada pela linguagem. Para Bronckart (1999), a narrativa implica a existência de personagens criadas pela atividade de linguagem. O agente/leitor dispõe de um conhecimento sobre os gêneros, seu funcionamento e suas características lingüísticas.

A familiaridade do leitor brasileiro com a crônica talvez seja determinante para o reconhecimento desse gênero e de sua adequação a determinadas situações de ação. Nesses termos, o gênero parece cumprir efetivamente essa função medi-

⁶ Para Bakhtin (1997), trata-se de gêneros secundários (escritos, institucionalizados) que transmudaram os primários (conversacionais, espontâneos). A esse respeito, conferir Lopes (2004, capítulo 4).

adora entre o homem e o mundo. A respeito da escolha do gênero pelo agente-produtor, Bronckart (1999) assinala que

o gênero adotado para realizar a ação de linguagem deverá ser eficaz em relação ao objetivo visado, deverá ser apropriado aos valores do lugar social implicado e aos papéis que este gera e, enfim, deverá contribuir para promover a "imagem de si" que o agente submete à avaliação social de sua ação. (p. 101)

Essa passagem salienta o papel da "representação interiorizada" que atua para garantir a "eficácia e a adequação dos diferentes gêneros disponíveis". Não se trata, obviamente, de repetir modelos já utilizados por outros cronistas (ou pelo mesmo produtor), mas de adoção de um modelo de gênero que possibilita gerir certa composição textual, isto é, determinados mecanismos enunciativos. Bronckart (1999) admite que existe, por parte do produtor, "um cálculo sobre a adequação do gênero à sua situação de ação, mas, ao mesmo tempo (ou reciprocamente), o conhecimento dos gêneros define o espectro das ações de linguagem possíveis (...)" (p. 103). Algumas falas do G1 podem demonstrar percursos de constituição da referência, tendo em vista a consideração do gênero textual:

Exemplo 2

25.M – só de ser numa... numa página de crônica você já tá já ligaria o texto a uma crônica... se fosse num num caderno de de hum...eh uma página policial você já ligaria o texto a um policial... então:: assim influencia muito
26.P – () igual influenciou ()
27.R – quando a gente lê uma crônica a gente lê pensando na crônica...
28.M – isso
29.R – se é uma crítica a gente lê pensando na crítica... se é página policial por mais que tá falando lá uma coisa que não tem nada a ver a gente já sempre vai pensar assim matou:: ou alguma coisa assim sabe? então... com certeza influenciaria sim

Para o exame dos processos de constituição de contextos – aspecto relevante na construção da referenciação textual – é necessário, portanto, exorbitar a feição dicotômica evidenciada em alguns estudos. Kleiber (1997b, p. 15) chama a atenção para duas atitudes controvertidas: em um extremo, há uma ênfase exagerada no contexto extralingüístico, visto como "todo-poderoso", ou ainda, uma noção de "contexto samaritano, contexto-inventário", que comporta tudo o que se procura. Em outro extremo, verifica-se uma apreciação totalmente desvinculada do contexto, como se o elemento lingüístico fosse capaz, por si só, de assegurar a compreensão. Essas discussões polarizadas desconsideram que não existe linguagem sem contexto, sem enunciação.

Considerando a percepção de gênero textual como a possibilidade de significar a atividade de linguagem, passo a examinar o processo de referenciação, apoiando-me nos dados coletados no experimento.

CONTEXTO E REFERENCIAÇÃO – UMA VISÃO DINÂMICA

A noção de contexto abriga generosamente inúmeras considerações e tal amplitude, muitas vezes, dificulta uma visão lingüística como a que busco nesta análise. Na realidade, o exame do papel do contexto tem ocupado o centro das discussões que envolvem os aspectos pragmáticos na compreensão de textos.⁷

Preliminarmente, cabe observar que este estudo se orienta por uma noção ampliada de contexto, manifestada em trabalhos que expandem o conceito, tendo em vista não somente o contexto situacional, ligado ao *aqui e agora* da situação, mas a aspectos relacionados à cultura, à comunidade discursiva dos locutores e aos papéis por estes desempenhados e, sobretudo, às representações que os sujeitos fazem de si mesmos e de seus interlocutores, bem como da situação enunciativa.⁸ Se avaliarmos a multiplicidade de interpretações coletadas no experimento, observaremos que a construção de contextos foi sendo produzida a partir de uma rede de fatores, de ordem lingüística e extralingüística, envolvidos na negociação, como verificaremos a seguir.

Em resposta à primeira questão do questionário, dos 21 leitores envolvidos na experiência, 4 responderam que Valentina era uma mulher. Como pistas, indicaram particularmente o primeiro, segundo e quarto parágrafos. Dezesete informantes responderam que Valentina era uma máquina de escrever e apresentaram notadamente o segundo, quinto, sexto e sétimo parágrafos como pistas. Um livro/um livro de poesias foram as respostas de dois leitores, apontando o primeiro, segundo e quarto parágrafos para justificar a escolha feita.⁹

Que caminhos trilharam os leitores para chegar à representação de Valentina como máquina/mulher/livro? De que estratégias se valeram para eleger um ou outro percurso para a constituição dos sentidos do texto? Que fatores interferiram na construção da referenciação, considerando-se sobretudo os movimentos de constituição de contextos?

⁷ Grosso modo o termo pragmática corresponde ao estudo dos usos da linguagem e da língua como fenômenos, ao mesmo tempo, discursivo, comunicativo e social, tendo suas raízes na filosofia (Austin e Searle), na sociologia (Goffman) e na etno-sociolingüística (Gumperz).

⁸ A respeito da constituição de contextos, conferir Eco (1986); Gumperz (1992); Mondada e Dubois (1995); Van Dijk (1992); Duranti e Goodwin (1992); Kerbrat-Orecchioni (1996); Kleiber (1997a); Bronckart (1999); Marcuschi (2000); Koch (2002).

⁹ Os leitores W e R apontaram duas possibilidades de respostas.

Afinal, o que se compreende por contexto? Kerbrat-Orecchioni (1996) parte dessa interrogação para desenvolver algumas reflexões sobre o assunto. A autora começa pela distinção entre: i) contexto lingüístico (cotexto) e ii) contexto extralingüístico (situacional), salientando que, geralmente, o segundo é quase sempre empregado no sentido "de situação", considerado contexto por excelência. Na verdade, ambos assemelham-se a "vasos comunicantes", uma vez que o contexto situacional pode ser verbalizado, ao contrário das informações cotextuais que só se convertem em informações contextuais no momento do processo interpretativo, para, em seguida, serem estocadas na "competência enciclopédica do sujeito" (receptor).

Outra distinção apresentada refere-se ao contexto "micro" (ou "local") e ao contexto "macro" (ou "global"). Trata-se de um eixo gradual que pode ser estendido: o contexto micro corresponderia ao *frame* e englobaria: i) o lugar: (o ambiente físico e a situação social); ii) os participantes (número de participantes, atributos, competências, relações envolvidas); iii) o tipo de atividade e as regras que a regem. O contexto macro corresponderia ao conjunto do contexto institucional, o 'aqui' e 'agora' da interação, envolvendo, nesse caso, a instituição, seu funcionamento e a inserção da instituição na sociedade mais ampla.

Na realidade, Kerbrat-Orecchioni (1996) compara o contexto a uma "série sem fim de encaixamentos" (p. 41). A questão é saber que dimensão do contexto considerar. Primeiramente, convém precisar o aspecto relativo à pertinência do contexto, levando em conta que os elementos contextuais se mostram sob a forma de saberes e de representações.

Nessa perspectiva, contexto é "um conjunto de representações" que os interlocutores têm do próprio contexto, incluindo, portanto, o componente "participantes", ou seja, as representações que L1 faz de si mesmo, de L2 e das representações que L2 faz de si mesmo, de L1, e assim por diante. Kerbrat-Orecchioni (1996, p. 43) considera que o contexto é um conjunto de dados de natureza cognitiva que precisam ser interiorizados pelos participantes e mobilizados no momento da enunciação.

Essa noção de contexto como um "conjunto de representações" implica duas conseqüências, a saber: i) as representações não são igualmente partilhadas pelos locutores (o que pode gerar mal-entendidos) e ii) a relação entre participantes e contexto é de dupla inserção (*enchâssement*), uma vez que os participantes são elementos de um contexto que existe na mente de cada participante, como um componente de sua competência enciclopédica.

Levando em conta os dados colhidos no experimento, creio que, mais do que preconiza Kerbrat-Orecchioni (1996), em sua insistência na recuperação de um dado contexto, o conhecimento do gênero e de seu funcionamento como prática

discursiva parece ter sido um fator relevante de constituição de contextos. Os depoimentos de alguns leitores a respeito dos objetivos do texto mostram a consciência dos leitores acerca de gêneros que permitem alguns percursos interpretativos, algumas ‘viagens’, para usar uma expressão recorrente nos depoimentos:

Exemplo 3

27.C – eu acho que pode ser os três... o autor deixa muito indeterminado e ele não... eh... dá... ele dá... por ele utilizar metáforas não dá pra você definir se é mesmo uma máquina de escrever se é uma mulher ou se é um livro de poesias... eu acho que pode ser os três (T3-G1)

Nesse aspecto, parece-me que a busca obstinada de um contexto pode configurar-se como algo restritivo na formulação de Kerbrat-Orecchioni (1996), levando a crer que a interpretação precisa passar por “um” contexto determinante. Perseguir um contexto pode, de certa forma, impedir a visão de uma atividade do leitor que, a meu ver, tem o poder de decisão sobre o que interpreta. Afinal, o trabalho de levantar hipóteses, confrontá-las, negociá-las, confirmá-las ou descartá-las é do leitor. É ele quem decide sobre os percursos que irá seguir para construir a interpretação e, nem sempre, existe “um” contexto, mas vários, para chegar a ela.

Tomemos a expressão “Adeus, Valentina!”, título da crônica. A expressão veicula o pressuposto de que a interação verbal aconteceu após uma relação sentimental entre dois seres. Do ponto de vista da estrutura lingüística, o dado contextual determina a escolha da expressão, importante para suas condições de realização. A informação temporal de retrospecção contida no enunciado é também um índice de contextualização importante. Além disso, acredito que a expressão típica de situações de despedida é muito recorrente em determinado gênero textual – no caso, a crônica – e não em outro. A expressão parece mesmo ter contribuído para a construção de um determinado contexto, importante para a referência, de acordo com a passagem a seguir, retirada da sessão de discussão (G1):

Exemplo 4

129.W. – a despedida de um amor...
130.P. – despedida de um amor... você continua/prá você o objetivo é esse né?
131.W. – pode ser a máquina pode ser uma mulher...
132.P. – hein?
133.W. – pode ser uma máquina ou uma mulher...

O exemplo 4 mostra que, independentemente de construir a referenciação de Valentina como máquina ou como mulher, os leitores, apoiados em conhecimentos estruturados socialmente, erigiram o quadro contextual de uma situação de despedida.

Convém salientar que, no caso da crônica em estudo, em que há um escamoteamento deliberado por parte do enunciador, o leitor pode ter dificuldades de acesso ao contexto por dois motivos: por falta de informações sobre o contexto pertinente, ou por excesso de informações, o que leva a extrapolações nem sempre relevantes.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (1996, p. 50), a reinterpretação/modificação de um contexto pode acontecer em função: i) do tipo de discurso e de situação comunicativa (mais formal ou menos formal); ii) do nível de contexto e do tipo de componente contextual que se projeta (de locutor pertencente a determinada instituição, ocupando determinada função, possuindo determinado *status*); iii) do tipo de sociedade em que se desenvolve a troca (com restrições mais ou menos fortes, de acordo com grupos sociais mais ou menos normativos).

Do mesmo modo, Van Dijk (1992), examinando a natureza cognitiva das condições pragmáticas, assinala que a análise do contexto, embora não seja suficiente para a compreensão dos enunciados, é importante para determinar a adequação de um ato de fala. Para o pesquisador, é preciso ter consciência “primeiro do contexto social mais geral onde a interação se realiza e, em seguida, das particularidades mais específicas ou *ad hoc* deste contexto” (p. 82; grifo do autor).

Van Dijk (1992) também partilha da idéia de que, mais relevante para uma interação não é tanto “a situação em si, mas a interpretação/compreensão que os participantes sociais têm da situação” (p. 83-85).¹⁰ Em suma, para a análise contextual, é imprescindível levar em conta o “contexto geral” de conhecimento da estrutura social, o tipo específico, o(s) *frame(s)*, as propriedades, as relações das posições sociais, as funções e os membros envolvidos. Esse exame deve considerar as inferências que se fazem sobre o falante: i) conhecimentos, crenças; ii) desejos, preferências; iii) atitudes; iv) sentimentos, emoções.

A meu ver, a categoria gênero deveria ser acrescentada aos fatores indicados pelos autores, tendo em vista o caráter determinante das estratégias textuais ligadas ao gênero e sua relação com a criação de contextos. O processo de instauração da enunciação por meio de um gênero determinado já concorre para estabelecer um contexto relevante, pois se insere em uma rede intertextual que se manifesta no interior de determinadas atividades sociais, comunicativas. O enuncia-

¹⁰ No caso do experimento, a apreensão desse aspecto pode ter sido dificultada em virtude da situação de teste.

dor/cronista parte do princípio de que o leitor/enunciatório será capaz de mobilizar determinados conhecimentos para construir contextos relevantes e necessários para a constituição de sentidos. Essa mobilização, segundo (KOCH, 2002, p. 24), requer a ativação de um contexto sócio-cognitivo, sócio-interacional e textual.

Vale lembrar que o contexto se constrói na enunciação, que é sempre algo fugidio – um “acontecimento único” que não se repete, determinado por condições sociais e históricas, como afirmara Benveniste (1989). Ora, se a enunciação é de natureza fugidia, o contexto naturalmente também o é; se cada instância de discurso constitui um centro de referência interno, por um “jogo de formas específicas”, do mesmo modo o contexto se construirá nesse mesmo movimento.

Essa dinâmica que marca o caráter fugaz do contexto está muito presente no processo de referenciação vivido pelos leitores, no experimento realizado. A crônica “Adeus, Valentina!” demanda um conhecimento proveniente de experiências, embora o leitor seja capaz de processá-las na interação com o texto, mesmo não tendo acesso a elas. Isso reforça a noção de discurso adotada neste trabalho – uma atividade que está condicionada pelo contexto, mas que também é transformadora desse mesmo contexto.

Apesar de alguns autores apresentarem uma visão mais processual de contexto, percebe-se ainda uma avaliação em que essa categoria é tratada como algo que está dado, e o leitor tem de descobri-lo, percebê-lo. É necessário reverter o foco de análise – o leitor constrói um contexto com base em dados pertinentes. Se a enunciação é um acontecimento, um evento, a cada instância enunciativa torna-se também necessária a criação de um contexto, ou melhor, o contexto possibilita a referenciação, e vice-versa. No experimento, percebe-se um movimento de construção e reconstrução de contexto, por eliminação de informações não pertinentes e por confirmação de outras redefinidoras do contexto.

Vejam o início de “Adeus, Valentina!”: “Quando conheci Valentina, ainda era tempo de gabirobas, tanajuras, figurinhas e seriado de Roy Rogers na tela do Cine Roxy, na ‘ardeia’”. O ambiente delineado nesse primeiro parágrafo, com presença de elementos determinantes para construir o cenário de uma época, pode ter contribuído para o processo de constituição dos sentidos, evidenciado nos comentários registrados e em algumas respostas do questionário. Do mesmo modo, os quatro primeiros parágrafos da crônica podem levar a uma “representação de contexto” definidora da representação de Valentina como mulher, que se manifesta nos depoimentos, a seguir:

Exemplo 5

6.R. – é... porque aqui fala assim... eh... “me ensinou a respirar de modo comprido...” e isso é sempre quando a pessoa tá apaixonada né? eh... aqui também fala assim... eh... “se sentou comigo debaixo de uma mangueira” se sentou é uma ação e quem faz uma ação é uma pessoa e uma máquina sei lá ela não senta sozinha né? ela não senta... então tem algumas coisas que realmente me levaram a ver uma mulher... pelas ações... eh... ela a voz dela é dissimulada e uma máquina de escrever não tem voz... apesar de ter um som mas não tem uma VOZ... então é uma mulher... mas se levar em com/ aqui fala né? “é uma verdadeira máquina” aí quando fala assim “mas o tempo mudou” aí começa a pensar que é uma máquina... mas no meu entender é uma mulher... G3

Exemplo 6

82.F – “gravado nos lábios de Valentina hoje é o dia mais feliz da minha vida” toda mulher fala isso quando vai pra casar... quando...((risos)) G2

No quinto parágrafo, as seqüências descritivas podem projetar um novo contexto ou, quem sabe, ratificar o contexto já representado:

Velha, ranzinza, caduca, o tempo nela ia timbrando suas marcas, e não tinha conser-to. Alquebrada, já sofria de artrite nas juntas ressequidas, estalava como graveto seus longos e finos dedos, e a coluna, empenada. Pior: não entabulava mais coisa com coisa.

Igualmente, a entrada de um novo elemento – ‘a outra’ – pode moldar ou não um novo contexto. A caracterização da ‘outra’ pela exploração do campo lexical da informática (redes, labirintos, janelas, atalhos, configuro, menu, navego, memória, ícones, delete) parece ter criado um contexto apropriado para a percepção de Valentina como máquina de escrever, contrapondo-se à representação da ‘outra’ como computador. A reformulação de contexto é verbalizada por M. do G1 e R.G., do G3:

Exemplo 7

76.M. – eu acho que fica muito mais evidente quando a gente começa a ler sobre a OUTRA... que depois que a gente lê sobre a outra... é que a gente vai pensar... é porque ele fala muito sobre computador... então:: assim quem tem computador sabe quais são as gírias tipo eh deletar... que ele começa a falar da outra que ela é mais evoluída:: que que fica muito mais fácil pra ele... depois que você entende que a outra é um computador a Valentina fica sendo velha... aí você fica assim o que é antes de um computador? o que vem antes? ... uma máquina ()

Exemplo 8

7.R. G. – pra mim Valentina era o grande amor da vida do autor mas eh... agora depois que eu li o texto e que o pessoal da sala também debateu e eu acho que/eu tenho certeza que é uma máquina ((risos)) porque no final fala que a outra eh ... ela... *layout* né? e repleta de mistérios... abria as janelas e algumas coisas assim... é uma máquina né? Então tudo leva a dizer que a outra é um computador... se a outra é um computador pode ser que a primeira seja uma máquina... de escrever antiga...

No entanto a representação de um contexto ativado pelos itens lexicais da área da informática pode ter levado também, pela construção metafórica, à construção de Valentina e da ‘outra’ como mulheres. As pistas fornecidas pelos informantes mostram tais expressões – objetos do universo do discurso – em estreita relação com objetos do mundo. Vejamos o argumento utilizado por I., do G3, na defesa de Valentina como mulher, apesar das ‘pressões’ contrárias do grupo:

Exemplo 9

72.I. – eu não concordo não... dá pra perceber... tem característica aqui que tá falando que é uma pessoa...73.D. – que característica? ...74.I. – ah...eh... ele pode chamar também uma mulher de máquina...qualquer coisa...tem homens que falam... vou trocar uma...

Conquanto se baseiem em pistas semelhantes, um leitor vai construir um contexto *x* para interpretar Valentina como mulher, e outro leitor vai construir um contexto *y* para interpretar Valentina como máquina. Não há, portanto, garantias de que o contexto acessado tenha sido processado da mesma forma. A busca de um contexto pertinente é um trabalho do leitor, a partir do agenciamento de conhecimentos acerca da situação de “ação de linguagem”. Convém notar que os elementos lexicais, ainda que tenham uma significação de base, assumem novos sentidos em função de novos contextos de uso, como ocorre no trecho do 5º parágrafo, citado anteriormente.

Para Eco (1986, p.61-67), o intérprete tem uma atuação efetiva no processo de construção de contextos pertinentes, geradores de sentidos para o texto. Cabe a ele o monitoramento de processos cognitivos e de vivências elaboradas pela linguagem. Segundo o estudioso italiano, as “encenações” (*frames*) de base intertextual estruturam-se na experiência, com textos da tradição. Trata-se, nesse caso, do reconhecimento, por meio de índices de natureza lingüística, de eventos e de situações que devem ou não ser entendidos como ‘reais’ ou ‘ficcionalis’. Na verdade, trata-se de uma competência do leitor para decodificar o que está registrado pela tradição retórica. Entre as regras de hipercodificação encontram-se as “regras do gênero”. Mesmo discordando da análise em termos de ‘decodifica-

ção', com referência a uma enciclopédia hipercodificada, penso que Eco também aponta para o que julgo ser basilar na determinação de contextos relevantes – o gênero textual.

Nesse sentido, o próprio título "Adeus, Valentina!" constituiria uma regra hipercodificada que encaminharia o percurso referencial. Esse movimento promovido pela inter-relação entre o título e a narrativa pode levar ao estabelecimento da co-referência muito antes da utilização de outros índices. Na passagem: "Faz apenas uma semana, risquei Valentina de minha vida. Definitivamente.", tem-se uma "regra hipercodificada" que se aplica para construir contextos típicos do gênero, como já mencionado. A interpretação do texto como o fim de uma relação (de amor, de amizade) deve ser feita com base em uma "encenação". No entanto, a seleção dessa encenação ("*frame*"), bastante estereotipada, pode conduzir, por sua força de base enciclopédica, a uma interpretação também estereotipada.

A própria estrutura narrativa de apresentação de personagens e eventos situados em tempos e espaços pode ter dirigido o processo de referenciação do texto para uma 'história' com fatos vividos por 'personagens humanos', não uma argumentação em favor de novas tecnologias.¹¹ Esse esquema parece ter levado alguns leitores a ativar estratégias baseadas em experiências de leituras de gêneros em que geralmente se apresentam personagens, ações, clímax e desfecho. Isso leva a supor que conhecimentos e experiências individuais determinam as expectativas diante de certos gêneros. A paixão do narrador por Valentina também pode ter encaminhado a representação da personagem como mulher, não como uma máquina. Além disso, na sociedade ocidental, existe um *script* de experiência amorosa que envolve convivência, namoro, casamento, rompimento, instabilidade emocional, etc., como se constata na interpretação de M., do grupo 1:

Exemplo 10

128. M – na primeira vez que eu pensei que era mulher é quando ele fala do adeus... porque a gente vê filme antigo:: a gente sempre vê um trem partindo... a mulher lá no último vagão dando tiau com um lenquinho branco ou então o cara partindo é... é...o homem dando tiau... quando ele fala isso eu tô assim PRONto... a mulher da vida dele tá indo embora e ele tá ficando perdido no mundo... essa essa primeira parte do texto é muito forte...

É necessário, nesse caso, ultrapassar o nível desses conhecimentos de mundo, oriundos de representações e percepções, para alcançar, por meio de hipóteses constituídas com base em outros índices – também de natureza vivencial –, novas encenações, tarefa nem sempre facilmente realizável.

¹¹ Cf. Quadro – Objetivos (Anexo II).

As encenações intertextuais (...) são esquemas retóricos e narrativos que fazem parte de um repertório selecionado e restrito de conhecimento que nem todos os membros de uma determinada cultura possuem. (ECO, 1986, p. 66)

Essa passagem, além de apontar para a relevância do conhecimento do gênero, sinaliza também para aspectos que ultrapassam o estritamente lingüístico: a percepção da capacidade do sujeito de construir contextos pertinentes a partir de processos cognitivos pela ativação de associações importantes para a constituição de sentidos.

Decerto as estratégias inferenciais serão decisivas para a construção de contextos pertinentes, particularmente em interações cujo cotexto não fornece, de imediato, elementos que possibilitam a construção contextual. Algumas estratégias, normalmente utilizadas nos domínios literário, publicitário e jornalístico, criam contextos (ou moldam contextos) porque as “ações de linguagem” materializadas no gênero assim permitem.

Na ótica do interacionismo sócio-discursivo, o gênero é “instrumento” – objeto de ação em dada situação – e “atividade”, que dá “forma (ou transforma) ao instrumento”. Sendo “instrumento”, o gênero é capaz de tornar a “atividade” significante. Isso somente é possível pela ação de um sujeito, apto a construir, pela apropriação do instrumento, os “esquemas de utilização do objeto” (SCHNEUWLY, 1994).

A exemplo do que ocorre com o agente-produtor, o agente-leitor também possui uma representação dos “esquemas de utilização” do gênero. Tudo indica que o leitor-informante da pesquisa, pelo conhecimento acumulado ao longo da vivência com as práticas de linguagem, tem uma idéia do funcionamento do gênero textual e das “formas” que ele costuma assumir para interagir na comunidade. Nesse sentido, é possível asseverar que a representação do gênero dirige a “ação” do sujeito-leitor e, conseqüentemente, a referenciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não seja possível expor em profundidade a análise desenvolvida em Lopes (2004), considero que o estudo aqui empreendido possa contribuir para ampliar uma noção de contexto, de modo a trazer subsídios para a complexa tarefa de compreensão dos processos de referenciação.

As reflexões apresentadas apontam para a necessidade de um redimensionamento dos estudos sobre a referenciação, de modo a efetivar-se, de fato, a percepção dos processos inferenciais, lingüísticos e discursivos envolvidos na atividade socialmente contextualizada da constituição de sentidos.

Résumé

Dans cet article, je propose une analyse des processus de référenciation dans la chronique, à partir de l'examen des processus de la construction de contextes. Il s'agit d'une partie d'une recherche plus ample sur la constitution de la référenciation, traitée comme un ensemble d'actions cognitives et discursives déterminées par les situations historiques et sociales. Une expérience de lecture avec lecteurs universitaires, à partir de discussions collectives et partagées, a démontrée que la référenciation c'est une activité construite de forme interactive par l'activation de stratégies liées à la construction de contextes, aux suppositions sur la situation discursive, les énonciateurs et, surtout, le genre textuel et les actions linguistiques demandées par l'interaction.

Mots-clés: Interactionnisme socio-discursif; Référenciation; Contextualisation; Genre textuel.

Referências

- ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-66.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (Tradução do francês por Maria Ermantina G. G. Pereira), São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. (Tradução Eduardo Guimarães) 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989 (vol. II).
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo*. (Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha), São Paulo: Educ. 1999.
- BRONCKART, Jean-Paul; STROUMZA, K. Les types de discours comme traces cristallisées de l'action du langage. FPSE-Unige, 2000. 33p. (Mimeograf.).
- DURANTI, Alessandro; GOODWING, Charles. Rethinking context: in a introduction. In: DURANTI, Alessandro; GOODWING, Charles. (Org.). *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 229-252.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem – Atividade Constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, São Paulo, n. 22, p. 9-39, 1992.
- GUMPERZ, John. Contextualization and understanding. In DURANTI, Alessandro e GOODWIN, Charles (Eds.). *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Texte et contexte. *SCOLIA*, Strasbourg, 1996, n. 6. p. 39-60.

- KLEIBER, Georges. Sens, référence et existence: que faire de l'extra-linguistique? *Langages*, Paris: Larousse, sept. 1997a, n. 127. p. 9-37.
- KLEIBER, Georges. Quand le contexte va, tout va et... inversement. In: GUIMIER, Claude. *Co-texte et calcul du sens*. Caen: ELSAP-CNRS, Univ. Caen, 1997b. p. 11-29.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, SP: Contexto, 1997. (Col. Caminhos da Linguística).
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira. *Processos inferenciais de referência na perspectiva sócio-discursiva*. (Tese, Doutorado) Belo Horizonte, UFMG/Fale, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. Trabalho apresentado na IV JORNADA DO CELSUL, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, novembro de 2000. 39p. (Mimeograf.).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002 (b). p. 19-36.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorization: une approche des processus de référenciation, *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de linguistique), 1995, n. 23. p. 273-302.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria N.; CURY, Maria Z. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001. 163p.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de texto: considerações psicológicas e ontogenéticas. (Tradução Roxane Rojo). In: REUTER, Y. (Ed.). *Les interactions lecture-écriture* (Actes du Colloque Théodile-Crel). Bern: Peter Lang, 1994, p. 155-173.
- VAN DIJK, Teun A. (Org. & Apres. Ingedore V. Koch). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

ANEXOS

I – ADEUS, VALENTINA!

Quando conheci Valentina ainda era tempo de gabirobas, tanajuras, figurinhas e seriado de Roy Rogers na tela do Cine Roxy, na "ardeia". Eu já gostava de escrever poemas em papel de embrulhar pão, para os amigos apaixonados conquistarem mais depressinha suas inefáveis namoradas. Tudo no presente do indicativo. Assim, compartilhávamos do mesmo amor platônico, aquele que sentíamos, quase sempre, pelas mesmas meninas. Era um artifício: sem que ninguém soubesse, me declarava a elas pegando carona no meu próprio poema, que era, na verdade, "para o meu amigo". E aquelas viagens de febre e insônia, nos tapetes voadores da paixão, assolavam nossa infância. Queimávamos por dentro o esplendor da relva que William Wordsworth, mais tarde, iria colocar nas cabeceiras de nossas camas. E se, na rua, a bola de meia sujava nossos dias com o suor das heróicas batalhas, em casa passávamos o amor a limpo. Sempre: um coração flechado no canto direito da página. E as trêmulas letras do cabeçalho: EU TE AMO.

Então, conheci Valentina, que chegou camuflada numa dessas tardes de primavera. Nesse tempo, eu já não sabia mais onde guardar a memória das coisas. Meu pai também fazia acrósticos, decorava dicionários, enquanto minha mãe cantava. Mas foi Valentina quem me ensinou, de repente, a respirar de um modo comprido. Na terra a gente pisa, mas é no ar que nos preparamos para as longas viagens. Devagar, ela me fez ver que o coração funciona melhor quando as mãos, os dedos, o cérebro e o pensamento pipocam de um jeito mais compassado, sem ânsias de pendurar verdades nas paredes do mundo. Esse que vem a reboque do que, no fundo, são os tijolos da mentira. E quase catando o milho dos sentimentos de ouro, no galinheiro das palavras mais bonitas de cantar, Valentina se sentou comigo debaixo da mangueira. E me soletrou as palavras-diamante, as palavras-pedra, as palavras-seda e as palavras-dor. E como sempre, sozinha, a palavra-saudade.

Um dia Valentina me mostrou também que um lenço, ou um papel em branco, agitado na estação do trem, não era gesto de adeus, mas desafio.

Algo ruiu por dentro de mim naquela despedida. Vim sozinho com os "eus" do outro que nela habitava. E fui, aos poucos, virando bicho urbano, um ser sem passarinho, sem formigas políglotas, sem pescaria, sem gibi, sem matinê, sem vírgulas, sem namorada platônica e sem pecado. A saudade de Valentina, certa

madrugada, adoeceu-me. E descobri que já não mais respirava pelo nariz, mas pelas reticências... Voltei para buscá-la. E com ela aprendi de novo onde colocar uma esquina, aquele olhar perdido do retrato, esse par de cotovelos esperando a chuva, as prováveis civilizações da Atlântida, as lendas que navegam numa mesa de bar, esses dois olhos negros mergulhados no vazio das luas suicidas, o menino que se arrasta pelo chão e quer que sua fome morda o rabo do cachorro, porque esse cheiro de outono úmido, quando e como essa mãe que chora, onde e por quem aquele cego procura, e essas quaresmeiras explodindo em tons de lilás os véus de noiva, no abril das tardes roxas de gás, em Belo Horizonte. E por que diabos eu ainda me levanto com essa frase, gravada nos lábios de Valentina: “Hoje é o dia mais feliz da minha vida!”.

Daria tudo para resistir. Mas sou um homem fraco, reconheço. E ingrato. Sei que a indulgência é a maneira mais polida do desprezo. No entanto, Valentina já estava me deixando ultrapassado, analfabeto. Velha, ranzinza, caduca, o tempo nela ia timbrando suas marcas, e não tinha conserto. Alquebrada, já sofria de artrite nas juntas ressequidas, estalava como graveto seus longos e finos dedos, e a coluna: empenada. Pior: não entabulava mais coisa com coisa. Por isso nos separamos. Faz apenas uma semana, risquei Valentina de minha vida. Definitivamente.

Levado pelas mãos de amigos, conheci “a outra”. Fascinado, me enamorei à primeira vista por seu *lay-out* de mulher fatal, repleta de mistérios e outras coisas com as quais eu nunca havia imaginado: as curvas perfeitas, a voz dissimulada, insinuante, e o insaciável olhar de “quero mais”. Uma verdadeira “máquina”, de performance demoníaca.

É claro que daria tudo para sofrer de novo os mesmos percalços, os mesmos pesadelos e até os mesmos segredos inconfessáveis que mantive com Valentina. Mas sou um crápula: o tempo mudou, e “a outra” me seduziu com sua juventude. Nem sei ainda como ela se chama, ou se vai ficar para sempre. Só sei que tem mil maneiras de fazer um quarentão (que escreve por não saber modo melhor de amar ou de sofrer), se apaixonar.

Estou, irremediavelmente, perdido.

De noite, em suas entranhas de redes e labirintos – que se abrem como janelas que criam atalhos para outras janelas – configuro à minha frente o estranho *menu* do novo mundo. Navego marinheiro de primeira viagem, sem memória do antes e do depois. E, com um pouquinho de culpa, vou tentando reorganizar os ícones existenciais que ficaram tatuados por dentro, na alma da velha companheira. Que ninguém os delete. Como deletaram os cinemas da minha aldeia, que viraram igrejas evangélicas. Mesmo porque, sempre haverá gabiobas e tanajuras por lá.

Adeus, Valentina!

P. S.: Para agradecer a Humberto "Blú" e Eduardo Leão Sette que, armados de Winchester, conseguiram passar um Pentium na minha cabeça, e me apresentaram "a outra". E Nélia "Zargon" Resende, que ensinou esse "sapo de fora" a compreender melhor sua memória "rã".

(Antonio Barreto, Estado de Minas, 20/4/1997)

II – Objetivos do texto “Adeus, Valentina!”

Objetivos	Número de informantes			
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
Mostrar a necessidade da substituição de uma tecnologia ultrapassada por uma moderna	6	4	5	15
Expor o abandono de Valentina (mulher) para viver nova experiência amorosa	1	1	1	3
Mostrar que uma tecnologia moderna não proporciona o mesmo prazer que uma antiga	—	1	—	1
Demonstrar amor por um livro	—	1	—	1
Retratar o seu amor por Valentina (esposa)	—	1	—	1
Mostrar que o avanço tecnológico afasta as pessoas do hábito de leitura	—	—	1	1
Fazer sua última homenagem a Valentina (máquina)	1	—	—	1
A despedida de um amor./Despedir-se da velha máquina de escrever	—	1	1	2

(Obs.: Alguns leitores identificaram mais de um objetivo.)

Fonte: A partir de pesquisa realizada pela autora.